

*Noticia*

16-12-1926

## ARTE

### DO SALÃO DOS HUMORISTAS

Digam lá por fora que nós somos um povo eternamente alegres, que minha opinião não será de mudar-se. Na menor atitude, no menor movimento, na mais simples manifestação de vitalidade dos meus irmãos de Patria, é facil notar claramente a falta do espirito folgazão de que nos querem fazer senhores os delicados e gentis franceses. Essencialmente, profundamente «sentimental», nunca poderá o pobre lusiada que lacrimeja ao ouvir o «choradinho», ser uma criatura de forte optimismo para olhar, com alegria e bom-humor, essa tarefa árdua que aos nossos ombros foi posta-vivas.

Vem esta simples consideração a proposito do Salão dos Humoristas, aberta ha dias, ali no «Silva Porto», a Cedofeita. Eu vejo, por motivo da logica e da experiencia— neste caso, unidas e confundidas—que, como o povo, em regra, os nossos artistas de desenho e pintura não sabem pôr de lado o «sentimento», mesmo quando lhes é imposta a obrigação de assim proceder. Uma exposição de Humoristas—di-lo-hia o Senhor de Lapalisse—será sempre uma amostra de trabalhos em que a alegria, o bom-humor e a caricatura figurem como unicos inspiradores e motivantes. Ora, ao contrario do que seria do supôr, neste Salão, nem a caricatura, nem o bom-humor, nem a alegria, marcam o seu lugar, como era devido e esperado.

Sei, por um acaso, que a este «certamen» não presidiu o menor espirito de seleccion e que todos os trabalhos enviados seriam expostos, fosse qual fosse o seu valor. Criterio este que, se merece reparos, por um lado, não deve ser criticado, por outro, desde que teve um fim honestissimo e elogiavel, até: fazer do publico juiz, mostrando-lhe todos os que desejavam com êle travar relações.

... ..  
E, escrito este priambulo, tiramos da memória as nossas impressões, colhidas na visita rapida, passando em revista os trabalhos expostos pelos diferentes artistas.

Americo Nunes tem o seu nome marcado, inconfundivelmente. Ha nas suas obras observação profunda, critica mordaz ou benévola, fundada no velho preceito: «ridendo...» Dum acentuado cunho moderno, mostrando que o seu autor sabe desenhar e pintar, fugindo a todos os trucs enganadores mais ou menos estafados, dos trabalhos deste senhor não sei quais destaque, de tal forma isentos dum deolise se encontram todos.

D. Fuas tem dois berrantes cartazes, igualmente felizes, três aguarelas bem portuguesas e pessoais e nove caricaturas de que destaquei as de Ilda Stichini, Antonio Carneiro, Joaquim Lopes, sobre todas, a de Arnaldo Leite, surpreendente de simplicidade e processo.

Jorge Barradas expõe equilibradas e gentis aguarelas dentro do género humorista, três formosas cabeças de mulher de rara elegancia artistica e dois óleos, plenos de cor e movimento, de grande agrado para a retina.

De Carlos Carneiro, ha dois desenhos leves, aguarelados, de critica elegante, um admiravel pastel—«Retrato do Claudio»—que faz adivinhar um grande artista futuro, postas de lado, definitivamente, certas influencias que tendem a desaparecer—e, ainda, uns óleos curiosos.

Cruz Caldas, habilidoso, não é o que se nomeia um caricaturista. Na execução das suas «pochades» não ha o arrojo caricatural que seria para desejar. Alem disso, não é elogiavel que exponha trabalhos de processos tam diferentes que não seja possivel neles descobrir-se um cunho pessoal. A mão que desenhou o srs. Emanuel Ribeiro não parece a que nos mostrou Teixeira Lopes e nos deu a gracola politica. No entanto, ha a apontar a melhoria sofrida sobre trabalhos anteriores.

D. Helena de Bourbon e Menezes tem um elogiavel trabalho de honito talhe humoristico «Misericórdia»! creado por outros em que ha provas convincentes de uma gracia nunca isenta de um certo requinte.

D. Maria Noemia de Almeida, com duas obras so — «Garçonne», aguarela gritante de efeito e um lapis decorativo — contrai o dever de se apresentar, de futuro, com maior bagagem confirmativa do talento que antevemos.

De Menezes Ferreira, que mandou o que devia enviar, sobressai levemente um friso de que não recordo o titulo.

Calderon Diniz, estruturalmente humorista, cuida razoavelmente as figuras, deixando em abandono scenarios e ambientes.

João Melo tem um apreciavel cartaz e um bom oleo sobre um bom motivo.

Lino Antonio, interessantes e suggestivos «lapis» caracteristicos. Roberto Nobre mais impessoal do que seria desejavel. Botelho, de quem, pela primeira vez, vemos obra «sua», promete, para um futuro mais ou menos breve. Alberto da Silva e Sousa, num genero que não «diz» nada, dentro das quatro paredes da sala. Serafim Rodrigues, de inegaveis recursos. Ricardo Spratley é um deliado aguarelista.

Falta á exposiçào, como poderá vêr-se, uma homogeneidade em valor e intenção, que esperamos encontrar em futuros «Salões» que seria belo vêr realizados anualmente.